

INTERACÇÃO

MARIA LINO

FRANCISCO PAIVA

COOLABORA

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

TEATRO DAS BEIRAS
COVILHÃ

2014

ISBN 978-333-009-3

INTERACÇÃO

DESENHOS

MARIA LINO

FRANCISCO PAIVA

TEXTOS

AMÉRICO RODRIGUES

ANDRÉ BARATA

ANTONIETA GARCIA

FERNANDO SENA

SARA FALCÃO CASACA

TERESA CORREIA

COOLABORA

25 NOVEMBRO 2013

**DIA INTERNACIONAL PARA A
ELIMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA
CONTRA AS MULHERES**

ENCONTROS IMPROVÁVEIS

GRAÇA ROJÃO

A partir dos desenhos de Maria Lino e de Francisco Paiva nasceram textos de três autoras e de três autores. Américo Rodrigues sobe o Jardim das Pedras e fala dos lápis aguçados que inscrevem linhas e sulcos, sons e feridas. André Barata olha as sombras de dentro e as cicatrizes gravadas nos ossos. Antonieta Garcia escreve sobre a memória que ainda é capaz de detonar absurdos e medos. Fernando Sena olha os rostos querendo sair das pedras calcinadas pelo fogo no renascer da esperança. Sara Falcão Casaca diz-nos que nada pode apagar o concerto dos gritos. Teresa Correia interroga as figuras que irrompem dos desenhos e as mulheres que se rebelam ou as que ficam petrificadas na tradição.

Este catálogo deve-se à generosidade destes autores e autoras que nos vêm inquietar trazendo-nos a voz muda e o corpo mutilado de mulheres cujas vidas permacem reprimidas, silenciadas e minorizadas numa teia de fios que relações de poder assimétricas aprisionam a uma condição de infra-humanidade. A obra gráfica exposta neste “encontro improvável” promovido pela COOLABORA, Intervenção Social e pela LUZLINAR, Associação Cultural, partiu da proposta de relacionamento criativo entre dois autores de gerações e especialidades distintas, que se debruçaram sobre diversas premissas relativas às temáticas da Igualdade e da Violência de

Género, criando um conjunto de obras que evidenciam conceitos e dinâmicas próprios desta problemática. A estratégia criativa assentou essencialmente numa metodologia de interacção que, nas diversas fases do trabalho, permitiu encontrar oposições, reciprocidades e até cumplicidades sensíveis e estéticas, cuja evidência esperamos seja capaz de contribuir para alertar o público para este tema, aliado ao desempenho cívico dos processos artísticos.

MARIA LINO

Artista plástica reconhecida internacionalmente, com dezenas de exposições individuais e colectivas. Frequentou os cursos de Escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, de Lisboa e de Hamburgo, onde residiu até 1997. Fundou a Luzlinar, Associação Cultural e coordena o Simpósio Internacional do Feital.



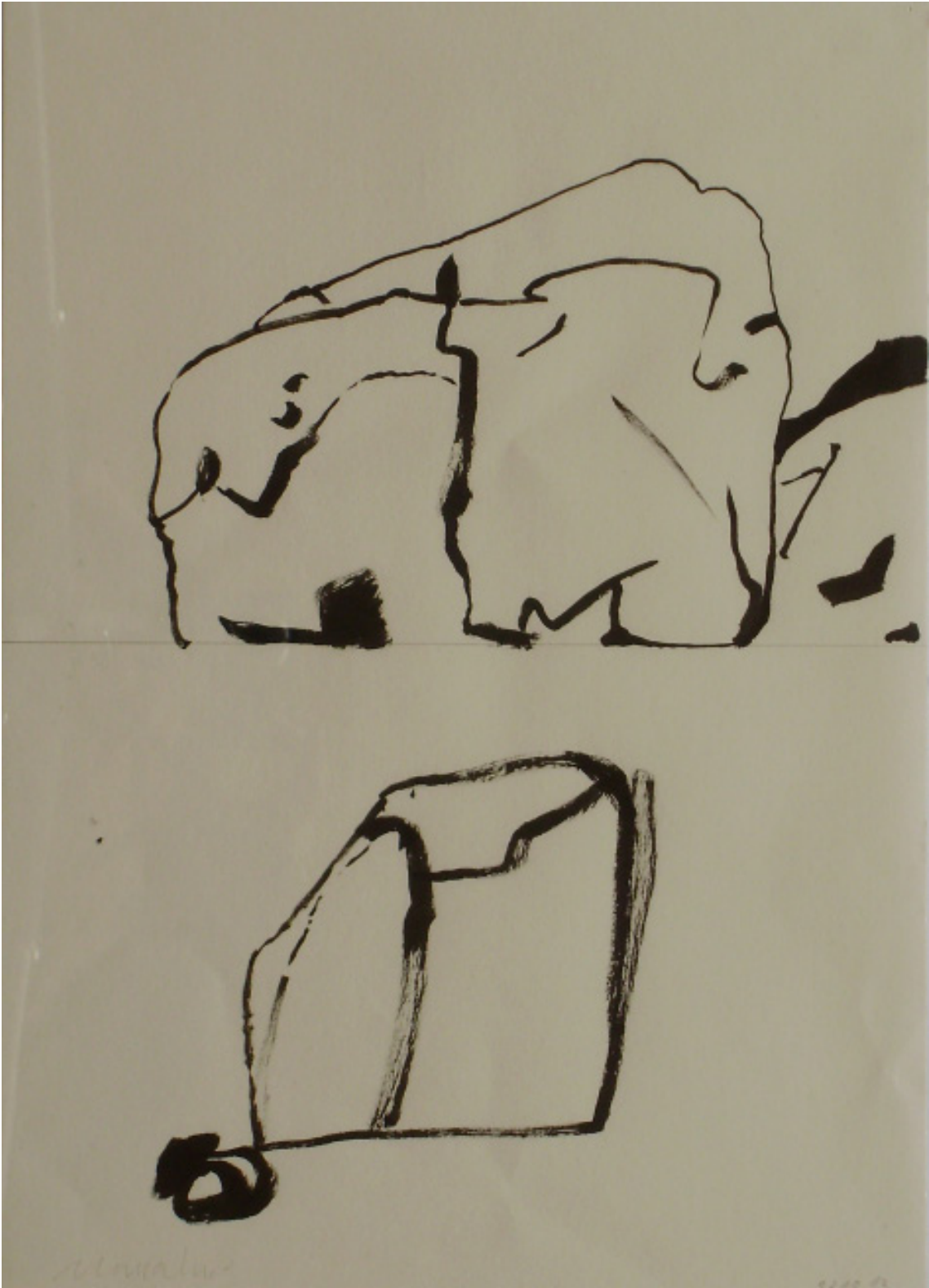
Man in

25-10-93

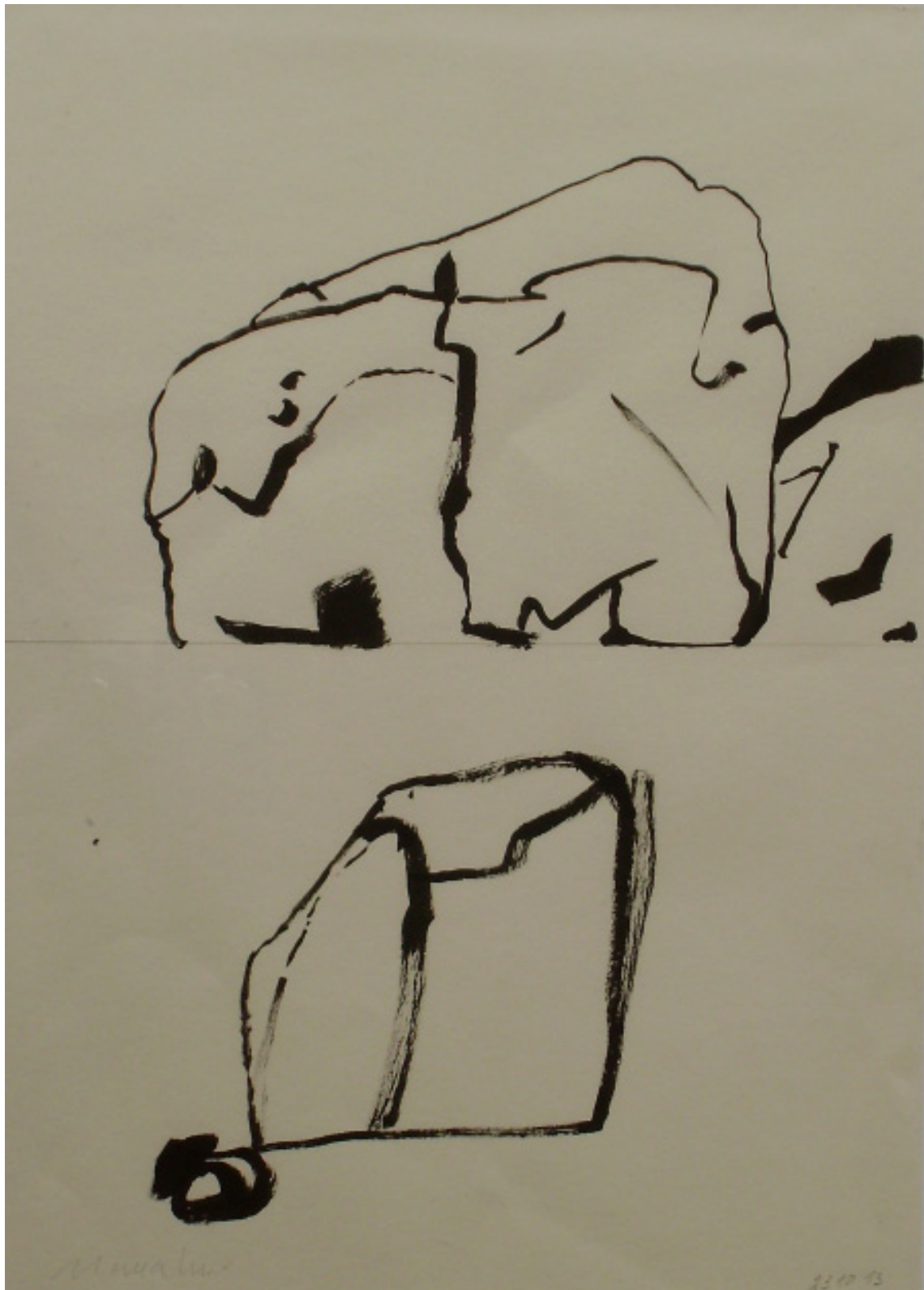


Alfred...

16.10.93













Maria Lino

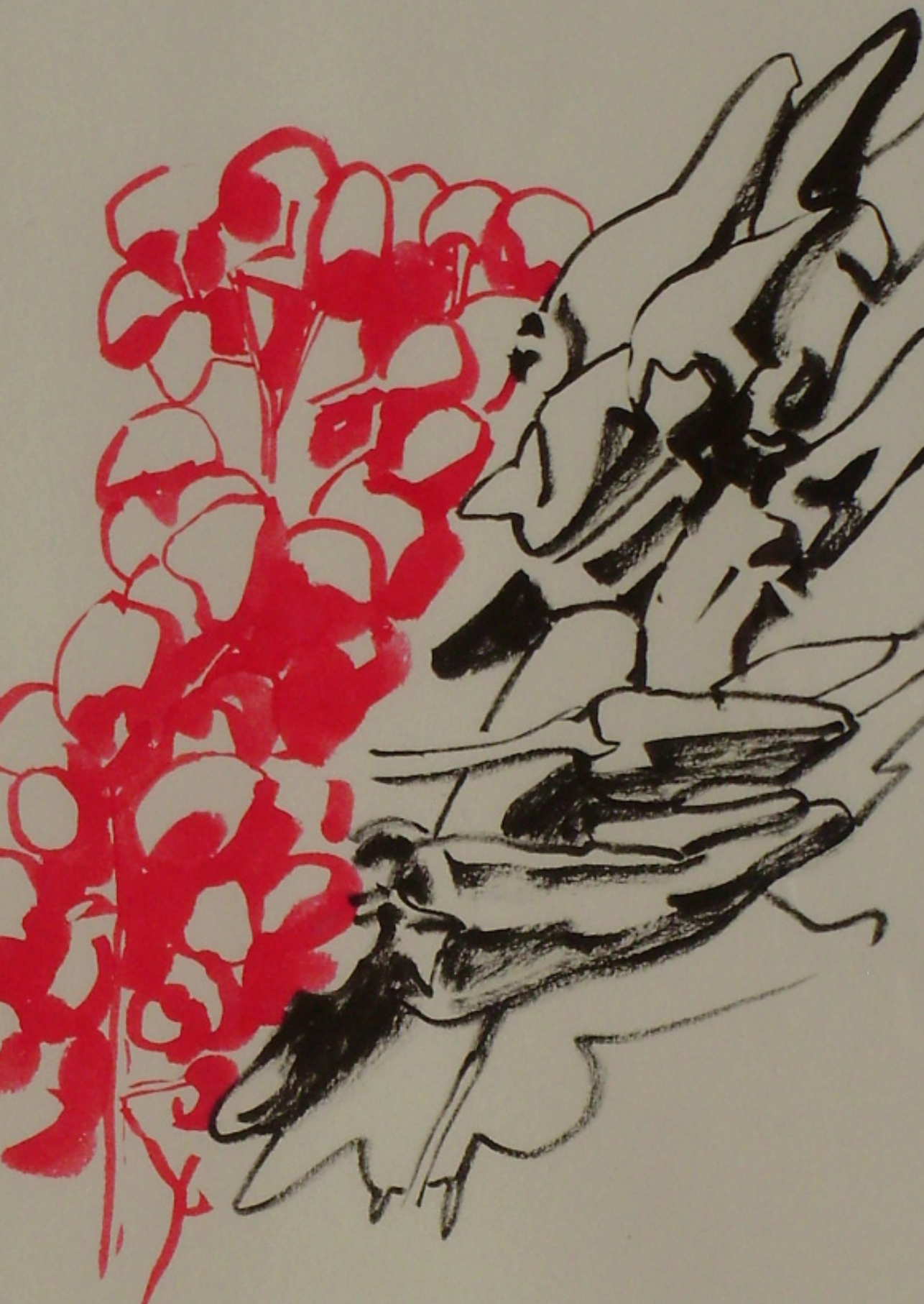
















Mummichog

281013



Mantid

28/10/13



Mantid

28/10/13

O JARDIM DAS PEDRAS

AMÉRICO RODRIGUES

Subindo, subindo, subindo. Deixando para trás os frondosos castanheiros com estórias dentro e os boletos alapados ao dorso. Ao fundo, uma pequena capela sem santo, por ser tão pequena e tão vazia de sagrado. À direita, em baixo, a aldeia e as suas quarenta almas, uma delas ziguezagueando sobre os telhados, insurrecta. Os cães de nomes prováveis correm pelos atalhos em direcção à serra. À serra de tojos, serra de ervas reles, serra de pó e abelhas, serra de pedras. Mas igualmente terra de lagartos de cauda esquisita. Há sempre um animal que se transfigura ao ouvir os passos que desconhece. Neste preciso momento poisa neste texto um pássaro por inventar, que traz notícias daquelas paragens.

Um incêndio abocanhou as giestas que por aqui havia, restam pequenos galhos esqueléticos e pontas de carvão. Estes lápis aguçados escrevem nos corpos dos humanos, como no conto de Kafka, uma condenação, um castigo. Inscrevem. Inscrevem linhas e sulcos e sons e feridas. O carvão desenha no nosso corpo inocente palavras, gritos e, principalmente, riscos que são rasgos de sangue. A extrema violência do fogo devorou giestas e pequenos animais; lambeu as pedras caídas de outros tempos e de outros céus e quis destruir-lhes a resistência, a imponência, o porte de altivez. Não foi capaz. Mas são, ainda, visíveis as marcas do incêndio, igual aos

outros incêndios que nos roubam terra e serra: lascas e lâminas, pedaços de carne/pedra queimada, aridez e negro. Restaram as pedras maiores que a enormidade, as grandes esculturas que são indestrutíveis: vemos nelas o que queremos imaginar. Também ficaram as nuvens; é a mesma coisa.

Chega-se, portanto, ao jardim das pedras. Ao jardim de Epicuro. As pedras caíram lá de cima (neste momento aponto o céu, à falta de melhor explicação) ou foram trazidas, há muitos anos, por mulheres e homens (legiões delas e deles, serra acima), apenas, para serem olhadas e, depois, desenhadas por Maria Lino e pelos seus amigos. Sobe-se até àquele jardim de pedras tão grandes como a nossa memória, esculpidas por tempos adversos, golpes de relâmpagos, chuvas perfurantes e animais de cornos pontiagudos. As pedras estão espalhadas pelo jardim selvagem. Interpelam-nos. Desafiam-nos a olhar para elas, a atribuir-lhes nomes que pertencem ao ancestral imaginário destes lugares. Vêm-se figuras de homens e mulheres, navios, casas que são, apenas, ventre. Pedras que nos habitam. Pedras a que não conhecemos função. Talvez aquele terreiro seja espaço de danças e de bruxas. Talvez aquelas pedras, de noite, mudem de lugar (como Maria Lino acredita) e, no dia seguinte, o que vemos é um novo jardim de Epicuro. Assim, todas as noites: as pedras, grandes e pesadas, mexendo-se, mexendo-se, nem que seja, apenas, um centímetro (só a Maria o nota, só a Maria o vê!). Talvez aquele jardim seja lugar de magia e nós só

agora o comecemos a entender. Talvez tenha sido lugar de romaria de outros povos que, ao fim e ao cabo, somos nós. Talvez a Maria se tivesse seduzido, apenas, pela forma das pedras e pela vontade em desenhar, simplesmente, a forma das pedras, ignoradas as figuras que se atravessam na nossa cabeça de súbditos da significação.

Maria Lino há muito que conhece os atalhos, os pequenos desvios, os carreiros que chegam até àquele sítio. Primeiro pelo prazer de olhar para o que está em volta. Depois para desenhar árvores, bichos mortos e vivos, cogumelos, pássaros, coisas tais. Agora, desenha as pedras do jardim das pedras. Como sempre concentrando-se no que é essencial. Só o essencial tem lugar na arte de Maria Lino.

Há algum tempo, Maria convidou Francisco Paiva a subir a serra, torre de vigia ao lado, vistas até Espanha. Os cães à frente, os castanheiros, o povoado ficando para trás, as casas fumegantes, uma voz longínqua que conta histórias de javalis. O costume. Depois, Maria mostrou a Francisco as suas pedras que, sorrateiramente, mudam de lugar durante a noite para desconcerto dos homens. Só Maria o sabe, só ela o pode ver. Francisco Paiva também quis desenhar aquela paisagem agreste (pedras, cinzas, pó), depois dos incêndios que não foram capazes de matar o pedregal nem a memória que há dele. Mas sentiu a falta de pessoas e por isso as inventou. Desenhando, falando, desenhando a partir de outros desenhos, falando depois de outras falas. Uma palavra que se junta a um traço.

Maria e Francisco, a pretexto daquelas pedras do jardim de Epicuro, conversando, olhando, desenhando ao mesmo tempo mas também em desacerto, estabelecendo outras ligações, indo por outros caminhos. Criação. E também a violência do incêndio como metáfora de outras agressões.

ANDRÉ BARATA

Caeiro aceitava a injustiça como aceitava uma pedra não ser redonda. Talvez Alberto pensasse na conformação à inevitabilidade das coisas, ou talvez pensasse na conformação das coisas mesmas, a da pedra e a da ruga da pele, e nas dobras de uma e de outra.

Os olhos podem doer o que possam tocar e ser tocados
E também o relevo do mundo é esta sinestesia
De trazer o mundo no meu corpo,
Mas o mundo mesmo que não tenho em mim ter em si
corpo e respiração.

São superfícies que se traem em traços de mão,
Sombras de dentro aberto ao Sol
Cicatrizes gravadas nos ossos
Curvas que saram pedaços lançados
Na forma justa das próprias coisas.

Esta é a razão do mundo a formar-se figura de um corpo
seu,
Como o número um sinal na areia,
A demonstração do teorema um passeio
E o movimento em compasso
Os meus dedos.

O corpo do mundo tem por peso a idade das suas pedras
E o reverso lógico das suas leis é encontrar na recortada
sinuosidade de cada rocha,
A clareza de sentido que é haver realidade tangível.

Hás-de sentir-me sinuoso na tua superfície
E não te perderás.

A ALMA DAS PEDRAS E DAS ESTRELAS

ANTONIETA GARCIA

São vidas sonâmbulas, de intensidade misteriosa. Na aldeia esvaziada de gentes que partiram em demanda de um salário, ficaram rostos desgastados e mãos velhas... Sem alvoradas, no descampado, fráguas aguçaram arestas e ergueram-se ao céu... Rochas piramidais arranham e agri-dem corpos e almas... o tempo a minguar, a minguar... Por onde anda o sol?

Sinais de abandono, em estranhos cenários, escuros, inquietam vidas sofridas, rejeitadas. O rosto esmaecido envelheceu precocemente, tão fugaz foi a idade da inocência... Percorreram lonjuras, sabem caminhos velhos, o ser a vergar-se ao tempo.

Ainda caminham, em silêncio grave. Alongam-se, lentos, pelos chãos arruinados. Os olhos enxutos demandam memórias e fantasias de um Graal antes ansiado. Então, um mundo povoado de fantasmas, lendas, lobisomens e feiticeiras, tecia uma urdidura mágica com a terra, a natureza, a paisagem.

Lutas sobre-humanas para vencer a fome, juntavam-se a muitos nascimentos de crianças que aparadeiras ajudavam a trazer ao mundo, ou aquele outro de uma filha de uma pedinte que nasceu debaixo das fragas da albarda e a mãe chorava com ele nos braços, ainda ligado à pla-

centa... A memória ainda é capaz de detonar absurdos e medos...

Pelas ruas soam mil coisas de outrora. Que é da alma das pedras? Onde estão as pedras que soltavam estrelas? À noitinha, mãos de Marias, tão irmãs nos risos, nas lágrimas, na tristeza, roçavam as pedras umas nas outras; em delírio, libertavam estrelas, muitas estrelas... A alma das pedras brancas e das outras, a luz... descobria caminhos. Em romaria interior, ouviam os anseios dos fragmentos de luz cativos nas rochas da terra-mãe e soltavam-nos em euforia. Só elas sabiam, só elas sabiam...

Pastoreavam ferradas com leite morno e muitas histórias da lua, de boas e más horas... a decifrar recantos e recados aprendidos de cor, com gente de alma ao léu.

Mirraram de penas, tantas!, que é despudor contá-las. Veem-se.

Esta terra bendita de emoções, vozes... definiu. Ressequiu. Os campos entretecem-se com joio... engelham e murcham... Gentes espreitam os últimos anos, com mãos maltratadas a enredar dias despídos de ternura.

Violência e solidão ensarilham melancolia e pesares, um vício em labirintos fechados, de estrelas prisioneiras; as que outrora alvoraram... estão semeadas pelas fráguas e veredas onde brilham em dias de muito sol ou de luar...

FERNANDO SENA

Vagueio neste emaranhado de pedras calcinadas pelo fogo onde me surgem rostos querendo sair desse material inorgânico, parecendo dizer estou aqui. De repente tudo é mais nítido, humanizado, ainda que cruel, pela expressão desse olhar frio que emana das rochas como querendo provar que tal como o fogo não destrói por completo a natureza também não é possível que a violência e a repressão destruam as pessoas, mesmo que por espaços de tempo seja possível espezinhar os seus direitos mais elementares. Tal como as pedras vão recuperando lentamente o seu aspecto e a natureza se recompõe em toda a sua magnitude também os rostos transmitem um renascer de esperança de quem acredita num futuro menos amargo e mais solidário.

SARA FALCÃO CASACA

Nada pode apagar
O concerto dos gritos

Perante este registo fotográfico, ocorreu-me a belíssima
Cantata da Paz, de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Recordo o poema, as palavras e cadências que parecem
convocar-nos para a ação. Contra a injustiça, a violência,
o sofrimento, a solidão, as desigualdades... Vemos,
ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.

Um apelo à interação, ao nosso encontro.
Aguarda -nos.
Aqui.

TERESA CORREIA

// - Não irei mais
de Orfeu
ser sua musa

*Rubra rosa de fulgor
em torno
da harmonia*

*Diz Eurídice
a si mesma
enquanto se distancia*

- Eu sou a minha poesia"

Maria Teresa Horta

Os desenhos de Francisco Paiva e Maria Lino prefiguram aparências que surgem como sendo representativas de figuras humanas dotadas de traços de feminilidade. Por um lado, surgem individualizadas de forma ténue, com pormenores representativos de um todo, por outro, insinuam histórias e vivências petrificadas em imagens apenas completadas pela nossa imaginação. Assim, estas figuras femininas podem ser encaradas como detentoras de um papel ativo ou passivo, na(s) história(s) em que se embrulham; podem ser sujeito ou objeto de adoração nos enredos em que se entrecruzam.

Aparentemente, ser motivo de adoração não contém em si nenhuma forma de violência, mas ter a coragem de negar o papel de musa inspiradora é também revelar a capacidade de autodeterminação e proclamar a vitória da vontade própria sobre o jugo do relacionamento que

condena e aprisiona, uma forma de violência tantas vezes camuflada e desculpabilizada. Ser capaz de assumir a sua essência e encontrar-se como ser completo, ser sujeito e objeto da sua arte, foi esta a decisão de Eurídice, no poema de Maria Teresa Horta. Na literatura, como em diferentes domínios da arte, as mulheres foram muito mais objeto do que sujeito da enunciação. Raras vezes se destacaram e entraram para a História e quando o fizeram, sofreram as consequências dessa ousadia.

Com efeito, em séculos passados, as mulheres só timidamente foram podendo exercer a sua atividade criadora. Enquanto lhes era vedado o acesso às universidades e ao mundo do trabalho, algumas encontravam nos conventos e na clausura alguma liberdade e possibilidade de se formarem culturalmente. Hildergada de Bingen (séc. XII) exercia a função de profetisa e simultaneamente escrevia sobre a medicina e a moral, sobre o lugar do homem na criação e apesar de não pôr nada em causa, foi construindo uma espécie de autoconsciência da mulher, sendo considerada pioneira da escrita das mulheres.

À medida que as sociedades se foram desenvolvendo, foi ganhando relevância o papel atribuído às competências social e emocional e o romance atingiu um estatuto privilegiado, sendo objeto primordial de leitura das mulheres, mas também tornando-se elas próprias escritoras deste género literário, como é o caso de Jane

Austen (1775 – 1817), uma força produtiva e literária. Na verdade, com o romance, a mulher adquire uma nova autoestima, pois nele reconhece a sua condição e vê, a uma luz diferente, o universo em que se move. Porém, não se pense que os séculos XVIII e XIX foram particularmente favoráveis à mulher em matéria de disponibilidade para as suas ocupações individuais. Embora a igualdade tenha surgido como ideal na Revolução Francesa, foram as mulheres quem continuou, quase sempre, a ter de enfrentar as dificuldades do dia a dia, a cuidar da casa e ainda a pretender ser amadas, ao mesmo tempo que se envolviam em outras atividades, bem como no trabalho, que as absorvia grande parte do dia. Com efeito, o Romantismo teve um impacto negativo na vida das mulheres, incumbindo-as do papel de “fadas do lar”, esposas devotadas e mães extremosas. Hoje, terá este papel de “anjo do lar” ou “fada do lar” sido vencido? Na verdade, as mulheres inquietam-se quando negligenciam alguém em nome do seu trabalho ou da sua arte, os homens também podem fazê-lo, mas encaram-no como uma obrigação que têm de cumprir em prol do seu trabalho e, conseqüentemente, do bem estar da sua família. Por exemplo, Jane Austen escondia os seus manuscritos quando ouvia o ranger das dobradiças da porta e terá escrito toda a sua obra numa sala de estar, exposta a todo o tipo de ruídos e interrupções. De facto, algumas mulheres escritoras viram-se obrigadas a conciliar, de forma violenta, a vida familiar com a vida literária, Sylvia Plath (1932-1963) escrevia os seus poemas

antes das cinco da madrugada, hora a que os filhos acordavam. Outras mulheres, intelectualmente dotadas, abdicaram de ter filhos. Algumas mulheres tremendamente dotadas sofreram e acabaram sós e consumidas de amarguras por terem querido fazer o que os homens já faziam há séculos: serem inventivas, criativas, sentirem-se bem consigo mesmas.

Noutros tempos, as mulheres governavam o quotidiano dos homens proporcionando-lhes as condições que lhes permitiam escrever ou desenvolver qualquer outra atividade. Mas quem governava o dia a dia delas? Atualmente, quando um homem se vê na necessidade de criar os filhos sozinho, todos o elogiam e admiram a forma como o faz, contudo para as mulheres essa parece ser uma tarefa normal para a qual foram talhadas e de quem se espera sempre que o façam com grande mestria. No livro *A confissão da leoa*, de Mia Couto, o narrador (voz feminina) descreve desta forma as tarefas da mãe: “Todas as madrugadas a nossa mãe se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o barro, tudo isso ela fazia sozinha. Agora, sem razão aparente, o marido dividia com ela o peso da realidade?”

O modo como a literatura foi tratando as personagens femininas não pode ser apenas encarado com um artifício da criação literária, não será mera ficção. Existe uma visão sociológica que é preciso ter em conta para assim se

entender um pouco melhor o que determinou os destinos das mulheres, tantas vezes decididos sem escutar as suas vontades próprias. Por outro lado, os livros podem ser, em si, reflexos do que era a vida social e familiar das mulheres, nas épocas retratadas.

Durante a Idade Média, a Poesia Trovadoresca elegeu a figura feminina como motivo de adoração privilegiado, nas Cantigas de Amor era objeto, perfeito e idealizado, de um sentimento amoroso não correspondido ou impossível de concretizar; já nas Cantigas de Amigo, a figura feminina era sujeito e mostrava-se mais “afável” e real, mas o principal pensamento da moça prendia-se com a correspondência ou não do amor que sentia pelo seu amigo, aparentando uma existência toda ela dedicada à procura de um marido que lhe permitisse um honrado casamento, enquanto a preocupação da mãe se centrava na reputação da filha, que não devia ser manchada. Já durante o Renascimento, Camões dedicou a sua lírica quer à adoração da figura padronizada do petrarquismo, quer à escrava de pele escura por quem se tomou de amores por terras de África (“Endechas a Bárbara escrava”). Apesar de crítico relativamente à figura estereotipada da mulher, não deixou de a tornar objeto de um amor apenas por ele sentido e em que ela não passava de motivo de sofrimento, inalcançável. N’ Os Lusíadas, o coro de ninfas com que povoou a Ilha dos Amores e na qual todos encontraram a felicidade, unidos pelo amor, a figura feminina assume um papel mais ativo, embora tendo como objetivo final a

recompensa da coragem dos navegadores.

Durante o século XVII, D. Francisco Manuel de Melo (um Iluminado), em Carta de Guia de Casados, defendeu as mulheres por serem úteis na arrumação da casa, na preparação de festas e na vida social, ajuizando que a esposa é pertença do marido e deve ser bonita, obediente e meiga.

Mais tarde, Luís António Verney (séc. XVIII) acrescentou, na obra O verdadeiro método de estudar, numa suposta defesa das mulheres, que estas deviam passar de “serviçais a educadoras” e que o estudo podia ser benéfico para que tratassem dos filhos e cuidassem da economia doméstica com maior eficiência. E até deviam ler livros para terem assunto de conversa com os maridos! A mulher infantilizada e frágil foi objeto de adoração por parte de escritores do Romantismo e algumas delas levaram este culto tão a sério que deixavam de comer, fingiam desmaios e alucinações; nestes tempos aumentaram também os suicídios e as entradas para os conventos. Mais tarde, no século XIX, Eça de Queirós retratou Portugal de forma primorosa e, em particular, a alta burguesia. Neste quadro, as mulheres foram um alvo essencial do olhar crítico do autor, não só do ponto de vista comportamental como do ponto de vista físico: ou são burlescas, mais ou menos grosseiras de aspeto, ou belas, mas vis ou traiçoeiras. Por outro lado, as mulheres jovens estão destinadas, pelo casamento, a favorecer os homens, não só com o seu dote, mas, também, com as

qualidades domésticas que possuem. Beleza e inteligência não são imprescindíveis no casamento. Apenas se exigem bons sentimentos que não causem incômodo a ninguém e, muito menos, aos homens seus maridos.

Os exemplos anteriormente apontados fazem parte da literatura portuguesa escrita por homens, pois eram eles quem tinha a oportunidade, o tempo para fazer da atividade da escrita um modo de vida. Às mulheres estava vedada esta forma de arte, como muitas outras. Claro que houve exceções, mas foram tão esporádicas que, por esse e outros motivos, a História não lhes dedicou um espaço de relevo. No entanto, é importante referir que desde os primórdios da nossa poesia, há registo de mulheres que se dedicaram à poesia: nos Cancioneiros da época medieval, no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, no Renascimento e em todos os momentos da nossa História as mulheres mostraram propensão para a produção artística. No século XVIII, A Marquesa de Alorna ocupou um lugar entre os pré-românticos e colheu a admiração de vultos importantes como Filinto Elísio ou Alexandre Herculano. No século XX, as mulheres passam a ter o seu lugar na literatura e nas artes e as ruturas deixam de ser apenas ao nível da arte, tomando proporções políticas e sociais, como em *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, 1972. Um livro que inaugurou uma nova forma de escrita no feminino, a três vozes; três autoras unidas na descrição de uma realidade comum a tantas

e tantas mulheres a quem era imposta a submissão no desempenho do papel de esposas e mães, numa espécie de destino que as enclausurava desde o nascimento. Uma normalidade que estaria destinada a todas, exceto àquelas que ousavam libertar-se das amarras da sociedade que as instruía.

Com efeito, o mundo estaria mais pobre se as mulheres não tentassem fugir à norma, criando, realizando sonhos. Muitas delas estavam bem cientes da diferença que as suas vidas imprimiam ao meio em que viviam, mas tal dificuldade não as deteve. Maria Teresa Horta, em *As Luzes de Leonor*, quis homenagear uma sua antepassada e, simultaneamente, dar a conhecer esta figura ímpar do universo feminino: Leonor de Almeida. Neta dos marqueses de Távora e futura Marquesa de Alorna (atrás mencionada), toma as rédeas do seu destino, indo contra as regras impostas pelo seu tempo; como tal, é votada ao ostracismo e tem de enfrentar todo o tipo de conspirações e intrigas que se tecem numa Corte mesquinha e frívola. No entanto, conquista homens e mulheres de sabedoria rara, com os seus versos, as suas atitudes, pessoas que a admiram pela inteligência rara e pela ousadia, atributos raramente imputáveis às mulheres naquela época. Torna-se, então sujeito criador de arte, a poesia, abandonando a posição de mera musa inspiradora. Mas sofre, sente-se amargurada, não encontrando em si o papel que lhe estava destinado pela sua condição de mulher, sentindo-se só e insatisfeita. Curiosamente, é nos “sonhos

desmedidos” de Hildegarda de Bingen que encontra descanso num dos muitos momentos de inquietação. Ambas se unem pela coragem em desafiar os padrões morais da época, senhoras da sua inteligência e da sua palavra.

Já mais recentemente, a mulher cansou-se de ser o ideal do homem e tomou nas mãos a tarefa de conceber a imagem que deseja ter de si mesma. Passou, também ela a construir ideais e a contribuir para a sua formação, à semelhança dos homens. Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, exortou as mulheres a tornarem-se escritoras, sujeitos da ação, lutando com perseverança por ultrapassarem o rótulo de “amadoras” apenas por terem sensibilidade, deixarem de ser mulheres que escreviam para serem escritoras em pleno.

Olhar as figuras que irrompem do painel de desenhos de Francisco Paiva e Maria Lino é revisitar mulheres que assumem a sua inteligência e se rebelam contra os papéis impostos ou mulheres que se petrificam, porque não sabem como romper com uma tradição tantas vezes mortificante para a sua individualidade. Uma escolha difícil e que durante séculos condenou muitas mulheres à solidão. E hoje, terão elas conquistado o lugar merecido na sociedade, no trabalho, na família e nas artes?

FRANCISCO PAIVA

Professor da Universidade da Beira Interior, onde dirige o Curso de Design Multimédia. Doutor em Belas Artes pela Universidade do País Basco. Licenciado em Arquitectura pela Universidade de Coimbra e em Design pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa.



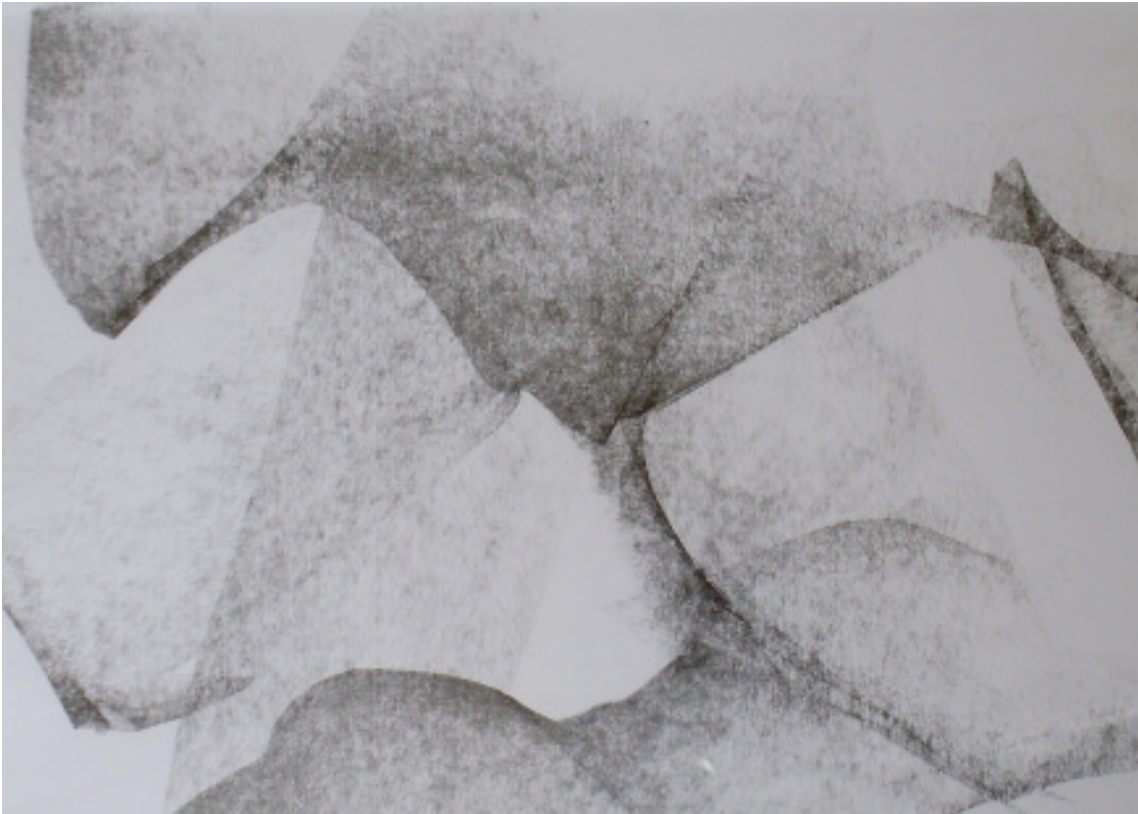




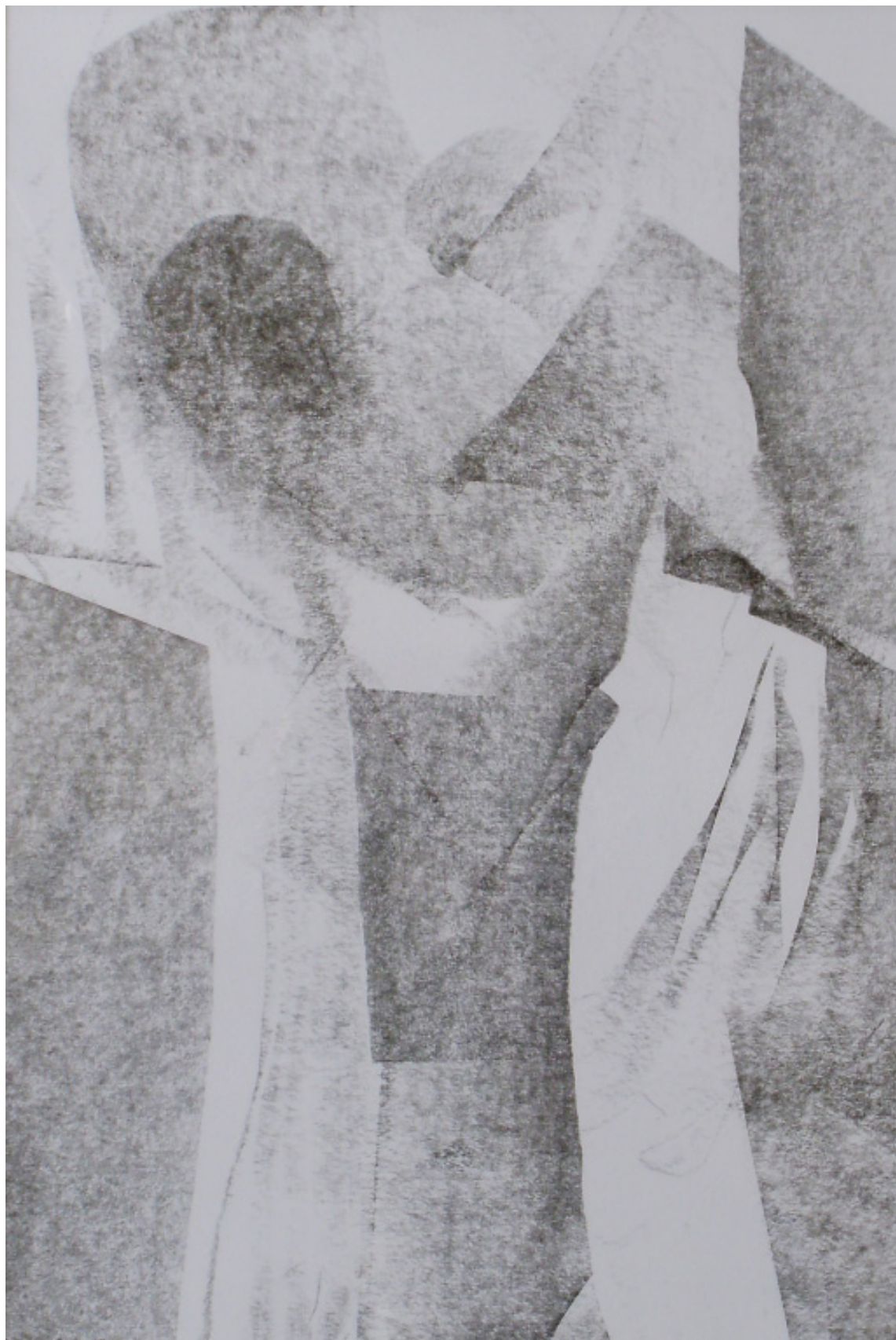






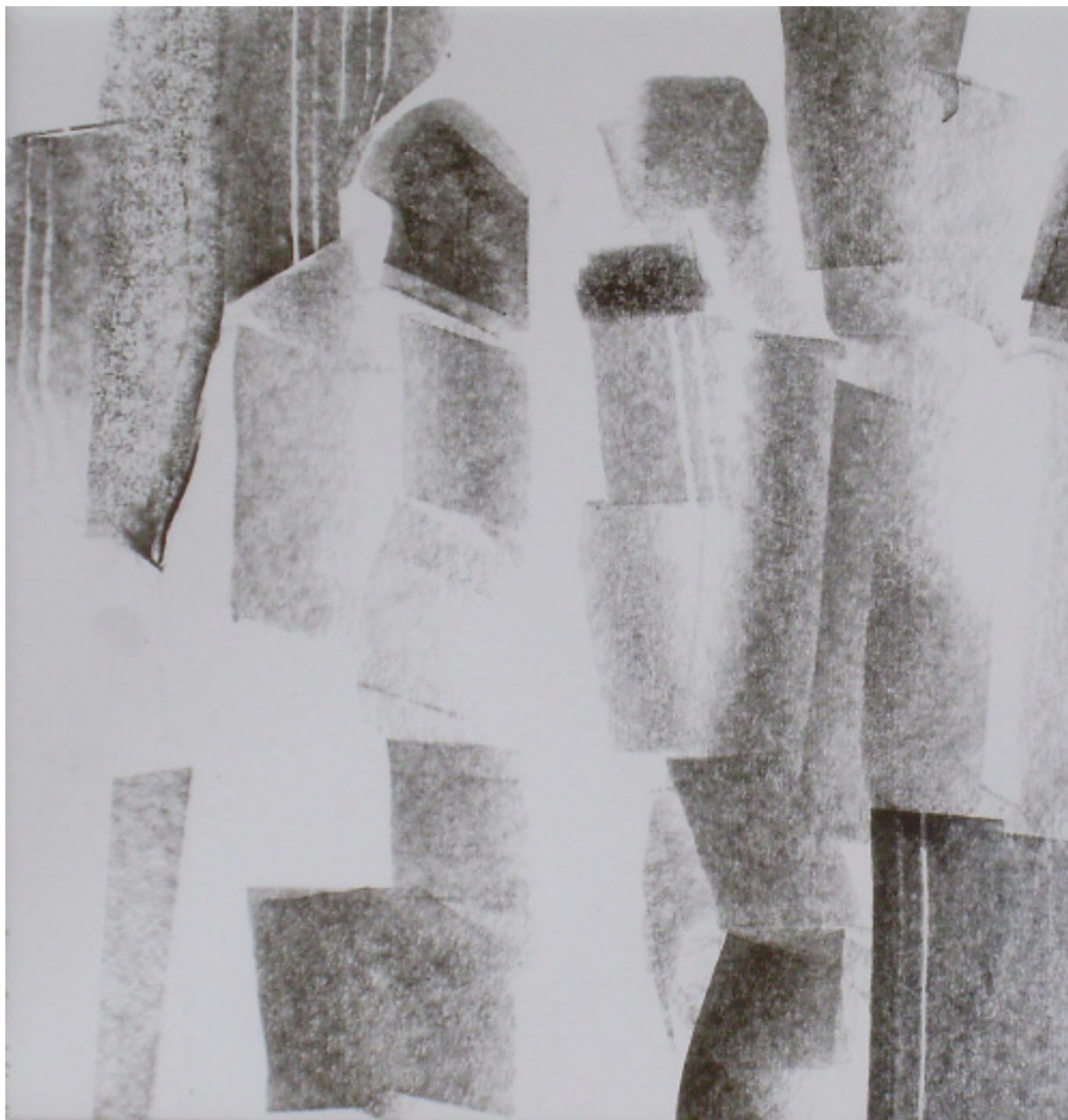


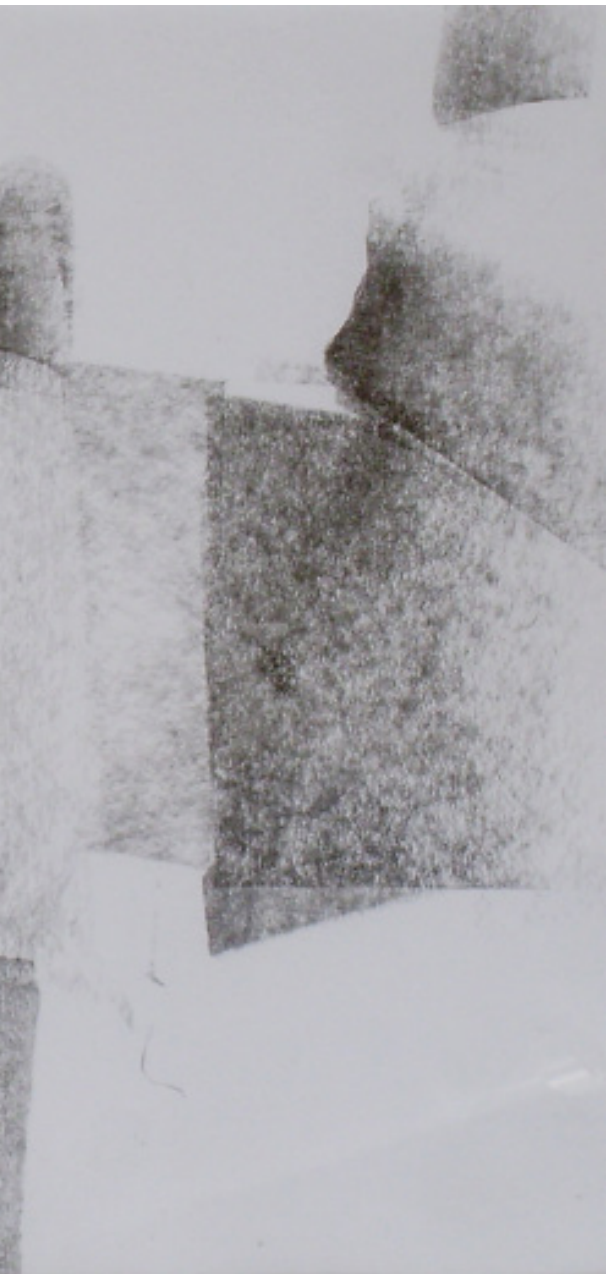
























INTERACÇÃO
CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

COOLABORA
www.coolabora.pt

LUZLINAR
www.luzlinar.org

TEATRO DAS BEIRAS
www.teatrodasbeiras.pt

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
www.ubi.pt

COVILHÃ
2014

ISBN 978-333-009-3



COOLABORA^{CRL}
INTERVENÇÃO SOCIAL